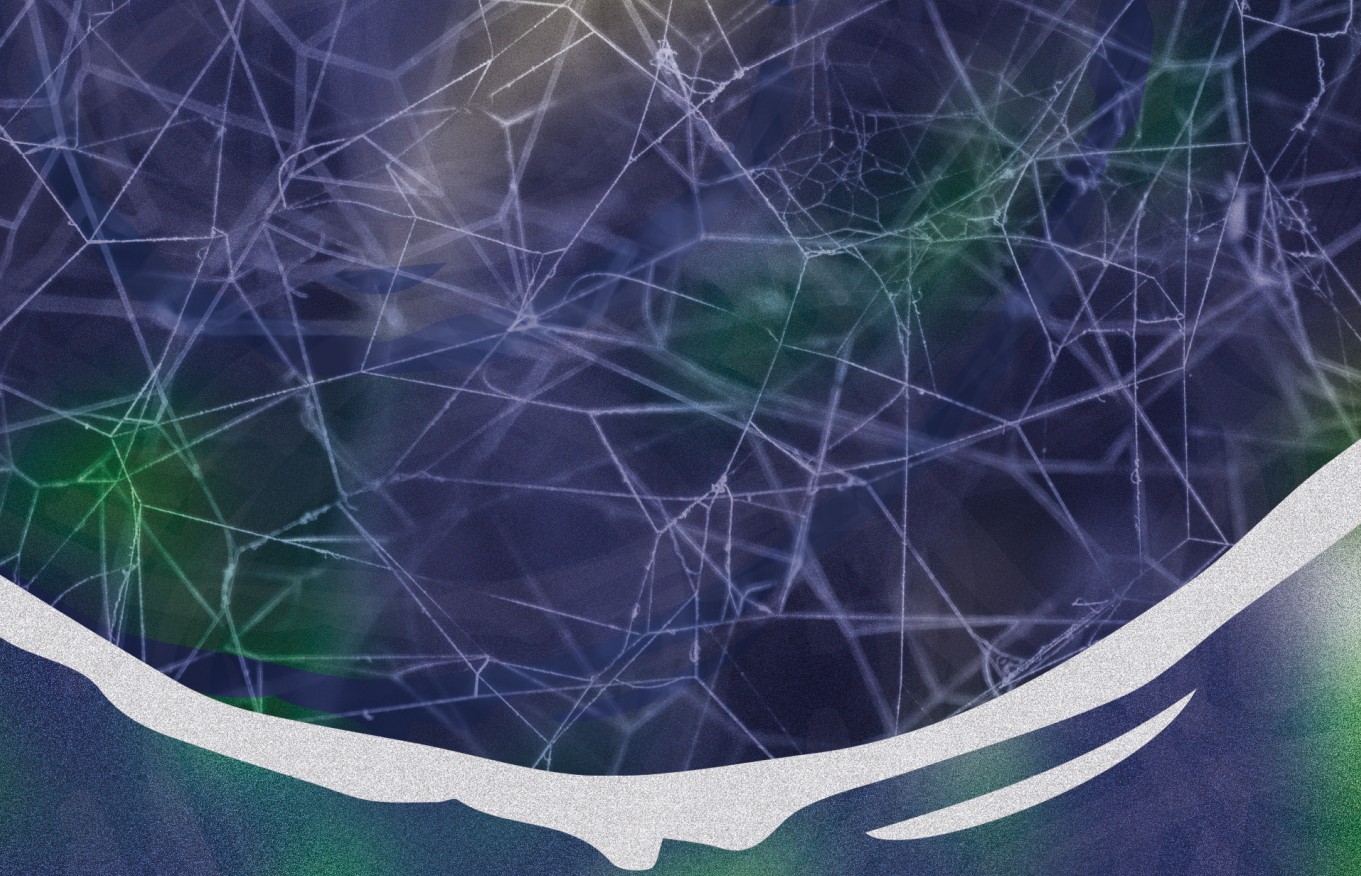


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação

João Vitor de Oliveira da Silva

Desde criança, eu já sabia que meus pais vieram de uma região rural, afinal, todos os finais de semana eu ia para a chácara que era bastante longe de minha casa e até mesmo da cidade, para ficar com os meus avós. Foi bastante difícil entender por que os meus colegas eram mais chegados a desenhos e brinquedos, aliás, eu até tive esse contato, só que bem pouco, pois os meus pais regularam muito o meu tempo para aprender as coisas dentro e fora de casa. Além de brincar e assistir à televisão, tive certos aprendizados quando novo. Um deles era aprender a como consertar um carburador e radiador de um carro velho, que até hoje tenho que arrumar; além de inúmeras vezes ter que limpar caixa de gordura dentro de casa. Quando crianças, sempre ouvimos de nossos avós ou pais: "Quando seu pai era mais novo, ele fazia isso tudo sem reclamar". Eu nunca entendia, afinal, as atividades que eles queriam que eu fizesse era consertar um carro, cortar uma cerâmica e levantar um muro, e tudo sozinho, ainda por cima. Com minha mãe era a mesma coisa "Suas irmãs limpavam casa, faziam comida, cuidavam de você e ainda estudavam".

No momento em que fiz 15 anos, eu tive um pouco mais de entendimento de por que meus pais, de certo modo, regularam um pouco das atividades que não iriam favorecer o meu conhecimento e aprendizado. Dos 16 aos 17 anos, quis largar a escola, pois não me estava favorecendo em nada. Muitos fatos ocorreram para que eu tivesse esse pensamento: *i)* a pandemia veio e me desestruturou em relação aos estudos; *ii)* tive problemas no aprendizado; *iii)* desenvolvi muitos problemas psicológicos, porém, com ajuda de amigos e familiares, pude seguir em frente e alcançar o término do ensino médio e criar maturidade sobre os estudos para seguir em diante.

Entretanto, aos 18 anos, tive várias descobertas, não só pela maturidade de idade, mas também por conta dos estudos, abrangendo vários horizontes, principalmente nas matérias de Filosofia, Sociologia, História, Biologia e Geografia.

Na faculdade, me encontrei mais ainda comigo mesmo. Na primeira aula de Antropologia, tive uma abordagem muito boa com minhas colegas e professor, e ao término da aula, o professor passou uma atividade sobre um documentário e um livro; No documentário,

são abordadas diversas pessoas que passam por situações complicadas, muitas delas estão relacionadas às questões culturais e educacionais, e uma delas me chamou muita atenção: um homem branco fala sobre largar a escola, sobre a serventia da educação, entretanto, ele se dá conta de que o abandono da educação e da escola não iria cair bem em seu futuro. Ele observou esse pensamento justamente pelo fato de os pais dele também terem largado a escola e de que, ao morar com seu primo, era tudo muito monótono, eram apenas bebidas, drogas e diversão, sem assumir qualquer tipo de responsabilidade. Até mesmo ele cansa dessa vida, afinal, ele descreve que muitas vezes não havia nada além de álcool na geladeira.

Então me identifiquei muito com esse documentário, pois passei por uma situação semelhante e, antes que eu pudesse me afundar, eu fui resgatado graças aos meus colegas, amigos e familiares. O aprendizado de meus pais está muito ligado ao texto de Tassinari (2015) e ao texto de Brandão (1985), pois, quando crianças, suas funções e culturas de aprendizado foram adquiridas desde cedo a fim de que eles aprendessem tudo para sobreviver no mundo afora. O texto de Tassinari descreve as formas, as situações e os desenvolvimentos de crianças da zona rural, uma realidade próxima daquela na qual meus pais cresceram; já Brandão nos diz que a escola não é o único meio de aprendizado. Ele nos apresenta o exemplo dos povos indígenas que rejeitam a educação do colonizador, porque aquilo, de certa forma, não era necessário, já que, quando seus guerreiros iam para as escolas, voltavam acovardados como se tudo aquilo que eles tivessem aprendido de suas culturas tivesse sido esquecido.

Tassinari (2015) investigou crianças e adolescentes de diferentes regiões: do Paraná e outras dos Galibi-Marworno, e tende-se a entender que as crianças nascidas no Paraná são consideradas bebês dos primeiros meses até quatro a cinco anos e não possuem contato com ferramentas e instrumentos perigosos; dos cinco aos sete anos, adquirem gostos pela agropecuária, conseguem distinguir plantas, insetos, animais, a cuidar dos animais e entender os serviços do campo; dos oito aos 12 anos, põem em prática aquilo que já haviam aprendido; dos 12 aos 16, iniciam-se na fase de rebeldia e responsabilidades, na qual podem manusear ferramentas sem se ferirem e começam a criticar os trabalhos do campo; a partir dos 16 anos, o indivíduo tem a força semelhante à de um adulto. Eles se responsabilizam por atividades que antes eram somente do pai e passam a ser feitas pelos filhos, por fim, buscam formas de se tornarem independentes financeiramente.

Agora, com os Galibi-Marworno, é como se tudo ocorresse naturalmente, considerando que, de certa forma, isso está em sua cultura. Entre os Galibi, as crianças são consideradas bebês somente até os três anos, daí por diante, entre três e seis anos, elas ainda não fazem muitas atividades, porém aprendem desde novas as atividades que um dia serão entregues a elas. É bastante comum vermos crianças desde novas carregando facões ao lado de suas mães; interessantemente, ao completarem sete anos e até os 12, as meninas passam a ter obrigações diferentes das dos meninos. Elas atuam no lado doméstico, ajudam a olhar os irmãos mais novos, no plantio e a descascar mandioca; já os meninos começam a frequentar pescas diurnas e as colheitas de frutos; ao chegarem aos 13 anos, todos são considerados rapazes e moças, e o grau de responsabilidade aumenta. As moças tendem a se preocupar com como preparar

as refeições, auxiliar na produção de farinha, entre outras atividades; com os rapazes, é como se as atividades de responsabilidades se mantivessem, porém, com uns detalhes a mais, como liberdade na aldeia e participação dos mutirões de limpeza da ilha feitos regularmente.

Vejo o meu pai como se estivesse situado em uma dessas culturas de aprendizado, diferentemente de minha mãe. Por mais que ele estivesse situado em uma zona rural, a realidade dele era próxima do contexto descritos. Entre seis a oito anos, meu pai já tinha aprendido a manusear equipamentos como facas, foices, enxadas, fogo e outras ferramentas que na contemporaneidade urbana são consideradas perigosas para crianças. O que me chama atenção é a realidade na qual eu e meu irmão fomos situados, em uma cultura de aprendizados totalmente diferente da de nossos pais, em que as formas de aprendizado primeiramente vêm de maneira não formal, de maneira que o aprendizado ocorra em qualquer ambiente, desde que apresente uma dinâmica diferente que não priorize a memorização em atividades muito complexas e utilize ferramentas didáticas diversificadas e atrativas. Normalmente esse tipo de aprendizado ocorre dentro de nossas casas e, logo em seguida, vamos para creches ou berçários, saindo do não formal para o informal, no qual flexibilidade, descentralização e espontaneidade costumam prevalecer. Somente depois vamos à escola, um ambiente formal com o objetivo de implementar metodologias, institucionalização, intencionalidade e limitação tempo-espacial.

Na contemporaneidade, é bastante comum nos depararmos com esse método pedagógico, entretanto, nem toda Pedagogia vem de forma didática. Ela pode se difundir de forma cultural assim como discutem Brandão (1985) e Tassinari (2015), que têm como base os estudos de povos indígenas e como a forma de aprendizado vem culturalmente desde crianças até adultos.

Hoje me deparo em muitas situações que me lembram do texto de Cardoso de Oliveira (1996), que trata das faculdades de ouvir, olhar e escrever. Muitas vezes meu pai me chama para arrumar o carro dele, e o problema está sempre no mesmo lugar, "no motor", então, de tantas vezes que o ajudei a arrumar o carro, percebi que estou sempre *observando*; quando o problema está situado em outro lugar, ele sempre liga o carro e o som muda e, nesse momento, já sei de onde vem o *barulho*. Com base em tudo que olhei e ouvi, parto do pressuposto de *escrever* tanto em minha mente como no papel. E é este tipo de aprendizado que a Antropologia de Cardoso de Oliveira nos leva a provocar e manifestar.

Afinal, na Antropologia, segundo Ingold (2019), não podemos apenas fazer Antropologia partindo de ideias, teorias, pressupostos e artigos, como muitos consideram a forma correta de se estudar. Durante as aulas, discutimos que muitos antropólogos buscam viver as experiências entre povos indígenas, a fim de aprender com eles, pois esses povos têm uma cultura rica historicamente em aprendizado e gozam de forma simples da natureza, já que nela tudo se adquire genuinamente. Vale ressaltar que frutas, verduras, plantas e animais são muito bem conhecidos mesmo sem precisar de livros ou informações vindas de fora. O conjunto desse conhecimento é muito mais complexo do que podemos entender. Atualmente, no Brasil, existem 274 línguas indígenas e poucas delas são conhecidas pela sociedade brasileira.

Para um antropólogo e para mim, isso é um estudo valioso que, por não estar frequentemente dentro de nossos contextos de mundo e realidade, torna algo mais curioso e

fascinante. Em sua obra, Malinowski (1986) nos proporciona uma pesquisa muito forte sobre os povos indígenas nas ilhas da Nova Guiné, que pode ser um território no qual a cultura não é tão estudada e muito menos compreendida, mas, quando estudamos essa cultura, vemos que há algo peculiar: o “uso da magia”, que funciona como um fertilizante para as plantações crescerem lindas e grandes para o consumo. É necessário o uso da magia no clima, uma vez que a plantação necessita de chuva e sol.

Acredito que na Antropologia possamos refletir que a sociedade é muito mais que um círculo fechado, trata-se de um mundo com proporções infinitas. Ingold e Roberto Cardoso me chamam muita atenção quando eles partem do pressuposto de que a Antropologia não pode ser apenas um objeto de estudo, mas que é necessário trabalhar juntamente dela para se adquirir pesquisas relevantes e estimulantes para alunos e professores. Somente quando grandes que nos damos conta do que podíamos ter aprendido desde criança com nossos pais.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO